

Crescimento econômico em ritmo lento

São Paulo — Com um ritmo de crescimento do país beirando os 5% do Produto Interno Bruto (PIB), o Ministério da Fazenda não tem dúvida de que precisa cortar o avanço do consumo nacional. O governo, contudo, enfrenta um sério dilema: quer manter a expansão do país em no máximo 4% do PIB. Se errar na mão, e exagerar na dose, o País poderá entrar em pequena recessão, o que sempre traz desemprego. Um desaquecimento repentino seria nocivo às pretensões políticas do PSDB e do PFL, pois até o final do ano estará deflagrada nas ruas a campanha pela reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

"O governo tem seis meses para esfriar o consumo, o que significa tomar medidas bem eficientes. As exportações têm que reagir e as importações, claro, diminuir. Pela ótica eleitoral, no semestre seguinte, até mais ou menos junho, a economia precisará estar em controlada expansão. Portanto, o Executivo deverá fazer algo agora", comenta Marcelo Carvalho, economista-chefe do banco de investimentos J.P.Morgan.

Carlos Kawall, que ocupa a mesma função de Carvalho no

Citibank, acredita que o governo também deverá tomar decisões que limitem as despesas de brasileiros em viagens internacionais.

Fábio Giambiagi, economista do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), afirma que em 1991 os turistas que foram ao exterior gastaram US\$ 200 milhões. "A soma subiu para US\$ 1,2 bilhão em 1994 e explodiu com o Plano Real, adotado em julho daquele ano. Em 1996, tais gastos chegaram a US\$ 3,6 bilhões e provavelmente serão um pouco maiores neste ano."

DOSE

Dentro da equipe econômica não há ilusões. Os problemas da balança comercial são crônicos e vêm se agravando. "No primeiro trimestre deste ano, as importações do setor subiram 41,3% em relação ao mesmo período de 1996. Houve uma subida de gastos de quase US\$ 1 bilhão, que culminou num total de US\$ 3,4 bilhões. Bens de capital são importantes para reciclar nosso parque empresarial. Mas a dose está sendo forte demais", diz um assessor do ministro da Fazenda, Pedro Malan.

Existem dois dados macroeconômicos importantes que mostram como as despesas em transações correntes complicam a vida financeira do país. Uma é a proporção com as exportações e a outra é a comparação com o volume de reservas internacionais.

Em 1994, as vendas internacionais eram 25,78 vezes maiores que o déficit de transações correntes. No ano seguinte a relação era 2,61 vezes superior, caindo para 1,96 vezes em 1996. Segundo projeções do Citibank, essa relação, embora positiva, deverá cair para 1,58 vez.

No caso das reservas cambiais a deterioração também é flagrante. Em 1994 havia um saldo positivo deste tipo de poupança em 21,5 vezes. No ano de 1995 caiu para 2,83, baixando para 2,42 vezes em 1996. De acordo com previsões do Citi, a relação chegará a 1,85 vez em 1997.

"Esses números demonstram como anda a capacidade de pagamentos do país", diz Carlos Kawall. "É uma queda acentuada que, entre outros indicadores, traz apreensão para quem analisa o risco de emprestar recursos para o Brasil", explica Marcelo Carvalho. (RL)